

6ª PARTE

TRANSCRIÇÕES

Poema-Rio⁵⁴

Trinta anos após iniciar seu curso, o livro *Jaguaribe*, Memória das Águas, do escritor cearense Luciano Maia, chega à 10ª edição, avolumando suas águas ou estendendo o alcance de seus versos

Raphaelle Batista⁵⁵

Mergulho lírico no “maior rio seco do mundo”, *Jaguaribe*, memória das águas é, talvez, o mais relevante poema de Luciano Maia. Escritor cearense que carrega outros tantos títulos – advogado, professor universitário, linguista, ensaísta, tradutor, além de cônsul honorário da Romênia em Fortaleza –, foi com esse “poema-rio”, como bem define o crítico literário Paulo Bentancur, que ele alcançou outras latitudes e imprimiu, em versos, histórias de uma das mais importantes paisagens do Ceará.

Aquela que se derrama por quase todo o território do Estado, ao longo de 610 km de extensão: do sertão dos Inhamuns, onde nasce, até o litoral leste, cuja foz promove o encontro entre o rio Jaguaribe e o mar. O mesmo cenário que, pela incerteza das chuvas, de tempos em tempos ganha tons de ocre e convive com a terra enrugada pelo desaparecer da água – daí o paradoxo de ‘rio seco’.

É esse Jaguaribe – que abriga ainda os dois maiores açudes cearenses, o Orós e o Castanhão – que Luciano poetiza. Mas também os bichos que povoam o rio, os pescadores que o navegam, os rios-irmãos que o acompanham, as gentes que seguem sua corrente em busca de vida. “Mas a tônica do livro é o rio como personagem”, explica o poeta. *Jaguaribe*, memória das águas reúne 70 poemas sobre esse protagonista da história cearense e da poética do autor. Dividido em cantos, porém, pode ser lido como uma só poesia. Uma épica lírica que ganha a décima edição e chega ao público a partir da próxima quinta-feira, 21, às 19 horas, na Assembleia Legislativa.

54. O POVO, Fortaleza, Domingo, 19 mai. 2013. Vida & arte, p. 3.

55. Jornalista

Os braços do rio e a seca

Jaguaribe, memória das águas se esparramou muito além do que supunha Luciano quando o lançou, em 1982, trinta anos atrás. Feito água, o livro superou fronteiras, sendo traduzido para o inglês, o espanhol e até o romeno. Ganhou, também, versão musical pelos acordes de Rodger Rogério. Na edição delicada do Armazém da Cultura, o leitor ainda é presenteado pelo traço forte do artista Audifax Rios, que ilustra os versos à medida que crescem em métrica, tal o rio se avolumando da nascente à foz.

Um destino de sucesso que faz Luciano destacar o título entre os 22 já publicados por ele. Seja pelas paragens que a obra desbravou, seja pelas edições que se seguiram – um feito para qualquer autor cearense. “É uma felicidade, uma alegria”, confirma, acanhado, sob a boina que o caracteriza. Para o autor, também membro da Academia Cearense de Letras, não há o que dizer sobre obra já tão vivida. Talvez que o leitor procure, no esconderijo dos poemas, o fio discreto das memórias da infância de Luciano, nascido em Limoeiro do Norte e criado “à beira rio”, como gosta de dizer. Sobre a seca insistente, esta sim, Luciano faz questão de falar. “Em 1982, quando escrevi o livro, a seca era um flagelo que assolava o Nordeste e eu imaginava que isso seria motivo de preocupação firme, no sentido de que fosse debelado esse flagelo. Mas, 30 anos depois, com esses dois anos de seca que nós vivemos agora, vejo que praticamente nada mudou. Com a escassez da chuva, o sertanejo passa as mesmas agruras que passava há cem anos, e isso é deplorável”, lamenta.

Inspirado na ode de Luciano Maia ao Jaguaribe, o Vida & Arte Cultura convidou cinco colaboradores para contar as relações que mantêm com “seus rios”, as águas que rasgam o Ceará e povoam as recordações de meninice ou as fantasias adultas de cada um. A editora executiva do Núcleo de Cotidiano de O POVO, Tânia Alves, conta sobre os rios de sua cidade natal, Reriutaba (a 290 Km de Fortaleza). Eugênio Leandro, músico e escritor, resgata um conto, publicado na década de 1970, sobre a cheia do rio Jaguaribe naquela época. O

pesquisador Danilo Patrício relata as lembranças de infância no rio Quixeramobim, enquanto Alemberg Quindins, educador e diretor da Fundação Casa Grande, faz um apanhado histórico sobre o rio Salgado, no Cariri. Rubens Venâncio fecha o caderno com um ensaio fotográfico sobre o rio Acaraú.

Trechos do livro

"Água do rio, em curvo movimento
lavando as rugas desses morros áridos
que o Jaguaribe enxuga, à mão do vento"
(Trecho do poema "Da água")

"Existe amor no meu canto
paixão da terra que anima
os versos de riso e pranto
no abaixo, rio acima
(águas cobertas do manto
do universo da rima)."
(Trecho de "Do Canto-Rio")